

O ENSINO GRAMATICAL NA AQUISIÇÃO DE E/LE: DA GRAMÁTICA NORMATIVA A FUNCIONALISTA

Valéria Jane Siqueira Loureiro (UFS)
vjsloureiro@yahoo.com.br

RESUMO

A gramática se apresenta como conteúdo inerente no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira e sempre foi vista como um meio de memorizar regras e normas e não para adquirir os conhecimentos linguísticos necessários para monitorar o uso correto da língua, nesse caso o espanhol. Este trabalho tem como objetivo analisar a questão da gramática no processo de ensino/aprendizagem de espanhol língua estrangeira. Da perspectiva normativa, o ensino de gramática se destina a levar os estudantes adquirir as regras e normas teoricamente. Segundo García (2002) o ensino de gramática não se constitui apenas de aspectos formais, por isto, deve ser estudado num contexto comunicativo. Os alunos que aprendem uma língua sem estudar a gramática implícita, podem se sentir insatisfeitos e inseguros, porque carecem do ensino das estruturas gramaticais que levam ao reconhecimento do funcionamento da língua pelo uso das suas variantes. Para González Maia (2005), o paradigma funcional é fundamental para o processo de ensino porque contempla a gramática em uso. Neste trabalho, tentamos responder a um ensino da gramática como um elemento que permita manejar a comunicação pelo uso e funcionamento das regras da língua de forma consciente e autônoma (GELABERT et al., 2002; GARCÍA, 2001; MARTÍN PERIS, 2004). A partir deste enfoque se reflete sobre a questão do papel da gramática na prática docente na sala de aula de espanhol língua estrangeira e se analisa como incluir o conteúdo gramatical de espanhol língua estrangeira para que os estudantes se capacitem a se expressar, interagir e se comunicar, tanto na língua oral quanto na escrita (MIKI KONDO, 2002). Essa questão advém de levar o estudante a adquirir a capacidade de contextualizar a língua no uso da linguagem como uma ferramenta nas situações de comunicação.

Palavras-chave:

Ensino gramatical. Aquisição de linguagem. Aprendizagem de espanhol.

1. *Introdução*

No âmbito de língua estrangeira o ensino do conteúdo sistêmico sempre suscitou um grande debate sobre as vantagens e desvantagens de ensinar o componente gramatical nas aulas, sobre até que ponto o ensino da gramática ajuda a desenvolver a competência comunicativa dos estudantes de língua estrangeira, no caso o espanhol. Sempre se debateu e se tratou o conteúdo gramatical normativo e descritivo em todas as metodologias de língua estrangeira, visto que se apresentam nos programas de ensino, nos materiais didáticos e na própria prática pedagógica dos docentes.

Os professores de língua estrangeira encontram no ensino e no desenvolvimento do conhecimento sistêmico da língua estrangeira um dos desafios fundamentais na sua prática docente cotidiana. No processo de ensino/aprendizagem do conteúdo gramatical em língua estrangeira, o estudante aprende as normas, as regras e o funcionamento dos elementos que fazem parte da língua, porém, em geral, fazem parte da gramática tradicional normativa da língua.

De esta maneira, a questão consiste em como proporcionar uma aprendizagem da competência gramatical, em espanhol como língua estrangeira, que capacite os estudantes a que se expressem e, principalmente, se comuniquem tanto na língua escrita quanto na oral em língua estrangeira (KONDO, 2002). Sabe-se que os alunos de língua estrangeira adquirem os mecanismos da língua espanhola que se baseiam nos estudos normativos, gramática, já que se trata de um dos componentes que leva a alcançar a competência comunicativa (PERIS, 1998).

Entretanto, durante o processo de ensino/aprendizagem da competência comunicativa se incluem outras competências, e, a gramatical recebe um destaque nas aulas. Por isto, se tem que refletir sobre como tratar o componente gramatical como um elemento que permita compreender e manejar a comunicação e a interação e as regras de uso da língua de forma consciente e autônoma.

2. *O que é gramática mesmo?*

Na prática docente, os professores de espanhol língua estrangeira utilizam frequentemente a palavra gramática. Não obstante, se forem observados os contextos nos que aparece e as intenções com as que os falantes a utilizam, resultam obvio que nem sempre aludem ao mesmo re-

ferente. Além disso, os usos desta palavra vão acompanhados de uma série de preconceitos e pontos de vista sobre o que é língua. Assim sendo, se pode distinguir três acepções muito nítidas, entretanto não excludentes, que costumam estar associadas ao uso da palavra gramática.

Primeiramente, se define como um conjunto de regras implícitas de um sistema linguístico ou princípio de organização interna própria de uma determinada língua: o que alguns linguistas denominam competência linguística. Uma segunda acepção é a que a define como a argumentação explícita de normas que respondem a um registro específico de uma língua ou saber de caráter mais ou menos metódico sobre a língua: conhecimento reflexivo das regularidades, regras ou normas características de uma língua. Por último, se entende por gramática como o manual ou livro que corresponde a uma visão ou enfoque sobre a língua ou ainda ponto de vista particular sobre o saber gramatical próprio de uma língua: determinada escola de pensamento, determinada teoria sobre o funcionamento interno da língua.

No âmbito do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, em particular de espanhol língua estrangeira, se é realizada uma análise detida nas três acepções apresentadas, estas nos levam a refletir sobre por que e para que se ensina gramática nas aulas de espanhol língua estrangeira.

Ser usuário de uma língua equivale a dispor de uma série de conhecimentos e habilidades linguísticas das quais nem sempre somos conscientes. Os falantes nativos de uma língua dispõem de um conhecimento “instrumental” ou “procedimental”, sabem usar de forma espontânea um complexo sistema de regras gramaticais e de redes de palavras e significados para transmitir as suas mensagens no transcurso das suas inter-relações comunicativas.

Este conhecimento se distingue do “declarativo”, o conhecimento sobre a língua. Não todos os que falam uma língua possuem um conhecimento declarativo sobre esta língua. Ao observar os dois tipos de conhecimentos gramaticais, nos deparamos com a questão do tratamento didático do componente gramatical na sala de aula de língua estrangeira que nos leva como professores a deslocar o foco do conhecimento declarativo em direção da aquisição da denominada competência comunicativa.

Na atualidade, a controvérsia sobre ensinar ou não gramática deu lugar a duas interrogantes que tem sido objeto de investigação no pano-

rama da metodologia de espanhol língua estrangeira: como o ensino pode favorecer a aprendizagem de uma língua? E como elaborar/realizar atividades que conjuguem a gramática com a comunicação?

Estas questões não são tópicos deste trabalho, entretanto não se pode pensar no ensino da competência gramatical pela prática docente sem que se tenha em consideração que o código, o sistema e a estrutura de uma língua devem receber uma abordagem que se transforme em comunicação, ação e cultura. Em outras palavras, que a gramática se insira contextualmente no processo de ensino/aprendizagem de espanhol língua estrangeira, se transformando em um meio de intercâmbio e negociação de informações que leve os estudantes a produção e compreensão na língua estrangeira.

3. *Qual é a gramática que se ensina?*

No processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, os professores dão muito prestígio ao ensino da gramática durante as suas aulas, oferecem para os estudantes um conhecimento reflexivo das regularidades, regras ou normas características da língua estrangeira que estão ensinando, levando os alunos a desenvolver a competência linguística¹⁵.

Não obstante, isto acarreta o detrimento do desenvolvimento das habilidades discursivas, que é uma das destrezas na que os estudantes encontram mais dificuldade em se expressar.

Na história das diversas metodologias de ensino de língua estrangeira, a relação entre a língua estrangeira e a gramática sempre foi muito próxima. Até os anos sessenta e setenta, os estudantes aprendiam regras gramaticais e aplicavam estes conhecimentos em traduções diretas e inversas. Nos anos setenta, os métodos áudio orais e audiovisuais encaram o ensino da gramática voltada para o desenvolvimento da habilidade oral. Assim, na aula de língua estrangeira o professor se restringia a utilizar os conteúdos linguísticos gramaticais ensinados na prática oral previa. Os exercícios que eram propostos se tornavam repetitivos, posto que se tratavam de exercícios de repetição de estruturas linguísticas gramaticais aprendidas oralmente na forma escrita.

¹⁵ A competência linguística se refere à competência gramatical, aos conhecimentos metadiscursivos que o estudante possui sobre a língua que aprende.

A partir do surgimento da gramática transformacional de Chomsky ocorre um questionamento sobre os fundamentos teóricos dos métodos áudio orais. Dentro da sua corrente, os alunos devem criar a sua própria língua em um ato de comunicação seja oral ou escrito. Desde esta concepção de ensino/aprendizagem de língua se destaca o enfoque comunicativo que propõe uma grande mudança na forma de encarar a gramática. Para o enfoque comunicativo, a habilidade de compor orações não é suficiente para que haja a comunicação. A comunicação oral ou escrita só tem lugar quando é utilizada para realizar uma série de conduta social como descrever, narrar, argumentar, entre outras.

A partir deste enfoque, se introduz a escrita desde o princípio da aprendizagem e não da aquisição da língua. Ademais, a expressão escrita não funciona só como reforço do aprendido da “fase” oral, senão que também o seu ensino parte do princípio de que é uma habilidade que possui as suas técnicas e estratégias próprias diferentes da oral e que ao mesmo tempo interage com esta e com as demais habilidades que fazem parte da competência comunicativa¹⁶.

No ensino da gramática, desde a perspectiva da competência comunicativa¹⁷, não basta que os estudantes saibam um conjunto de regras e estruturas da língua estrangeira analisadas e organizadas conscientemente em um sistema, necessitam saber como funciona e é usado o espanhol, em uma grande variedade de contextos, níveis sociais e inclusive âmbitos profissionais, para verificar os diversos usos e funções da linguagem.

Assim, a gramática explícita¹⁸, para um aprendiz, é importante, já que é a encarregada de monitorizar e por tanto pode ser uma aliada na hora de se tratar os problemas que possam surgir como a fossilização, a interferência, entre outros, durante o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, mas sem dúvida nenhuma quando um estudante se de-

¹⁶ A interação das habilidades no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira (Pilar Gómez Casañ e María del Mar Martín Viano. 1996, p. 45-48).

¹⁷ A competência comunicativa inclui mais competências que a mera competência linguística, inclui também: a competência sociolinguística, a competência discursiva e a competência estratégica.

¹⁸ As regras e as estruturas da língua estrangeira analisadas e organizadas conscientemente em um sistema pelo aluno.

fronta com a forma espontânea da língua estrangeira ele vai abrir mão do seu conhecimento implícito¹⁹.

Quando um aluno se comunica na língua estrangeira utiliza ambos os conhecimentos gramaticais – o explícito e o implícito. O aprendiz recorre ao conhecimento explícito que possui da língua estrangeira com a função principal que é a de monitorar, quer dizer, controlar que as produções linguísticas estejam corretas e se não for assim corrigi-las. Quando o aprendiz usa a linguagem de forma natural, o conhecimento explícito joga um papel secundário e é o conhecimento implícito da gramática que rege formalmente os usos da linguagem para a comunicação.

Sendo assim, a tarefa do professor de transformar as aulas de espanhol língua estrangeira em um espaço no que não só sejam oferecidas estruturas gramaticais e informações metadiscursivas sobre a língua, senão também que sejam proporcionadas atividades de tipo processual – leitura e compreensão oral – e de tipo produtiva – expressão oral e escrita – que leve a capacitar o aluno para a comunicação, desde o ponto de vista pedagógico, isto se dá a partir do momento que se enfatize a importância no processo de aquisição da língua. No enfoque comunicativo, a importância de dar para os estudantes expoentes nócio-funcionais para que os capacitem para a comunicação, desenvolvendo as quatro destrezas cumprem o objetivo de desenvolver as estratégias tanto de compreensão quanto de expressão na língua estrangeira.

Hoje em dia, depois de ter superado a ideia de que a aprendizagem da gramática não levava a aquisição da língua estrangeira, se assiste a recuperação da gramática e a busca de aplicações que dê lugar a um processo de aprendizagem-aquisição más completo, rico e eficaz nas salas de aula, ainda que existam carências metodológicas. A partir desta perspectiva, a ensino da competência gramatical na destreza escrita retoma o seu papel de monitorar a produção, porém tentando incorporar os diferentes tipos de processos e competências²⁰ necessários para o ensino e a aprendizagem de língua.

¹⁹ Conhecimento gramatical que é de natureza intuitiva ou subconsciente e não se encontra formulado como um corpus de regras.

²⁰ Ademais da competência linguística ou gramatical, se agrega as comunicativas: a pragmática, a discursiva, a estratégica e a sociocultural.

4. *Por que e para que da gramática no ensino de espanhol língua estrangeira*

A competência gramatical ou linguística consiste em uma dentro das competências que se insere no desenvolvimento das quatro destrezas do enfoque comunicativo. Entretanto, esta é a competência que os professores mais dão ênfase nas aulas de língua estrangeira, seja porque estão inseridos em uma tradição metodológica baseada no ensino gramatical, seja porque tem uma dependência em utilizar materiais didáticos que em sua grande maioria se baseiam na gramática²¹.

A pesar do surgimento das varias metodologias ao longo do tempo, todas contem a análise de perspectiva gramatical normativo. A gramática se apresenta em todos os métodos, independente do enfoque linguístico na que se inclui a concepção do que é saber uma língua.

Historicamente, se sabe que a gramática realiza a descrição e a explicação de sistema da língua, que se ocupa dos elementos morfológicos e sintáticos da língua e que deixa o léxico para a semântica e os sons para a fonética (TORREGO, 1998, p. 14).

(...) según algunos gramáticos, la Gramática comprende sólo la Morfología y la Sintaxis; según otros, abarca también el plano fónico, es decir, el de los sonidos y los fonemas. (...) La Semántica, rama lingüística que se ocupa de los significados, no es una parte de la Gramática, pero se tiene en cuenta para el control de los procedimientos formales que se aplican en la Sintaxis y para la explicación de muchos fenómenos sintácticos (...).

Esta concepção clássica da gramática concebeu que muitos métodos de finais do século XIX e durante todo o século XX recuperem os preceitos surgidos no ensino/aprendizagem das línguas clássicas – gramática e tradução. Nesta perspectiva a informação nocional e meta-discursiva são os *inputs* mais relevantes para adquirir a competência gramatical ou linguística.

Nesta perspectiva de gramática, o estudo gramatical nos apresenta um problema fundamental no momento de responder a uma concepção mais ampla em relação ao ensino de língua, que não seja simplesmente a de um conjunto de regras gramaticais de natureza nocional, senão que também seja um instrumento de comunicação. A análise gramatical está

²¹ Neste trabalho se entende por gramática a argumentação explícita de normas que respondem a um registro específico de uma língua ou saber de caráter mais ou menos metódico sobre a língua.

no nível da sintaxe oracional e, por isto abre mão de todos os elementos da língua que implicam uma análise no nível do discurso ou do texto.

Atualmente, ensinar gramática é bastante mais que explicar regras e normas morfosintáticas. Se exige deter em aspectos discursivos e pragmáticos, e isto não só por fazer as devidos honras as novas correntes metodológicas e linguísticas, senão porque o papel desempenhado pela gramática hoje em dia é más amplo que a visão histórica depois do conceito de comunicação e competência comunicativa.

Desta forma o ensino da gramática se transforma em um componente mais, indispensável, porém como são indispensáveis o elemento pragmático, o discursivo, o estratégico e o sociocultural. A proposta do desenvolvimento da competência gramatical em que se tenha em conta a comunicação para descrever e explicar a língua, quer dizer, para explicar as regras e as normas do uso e do funcionamento, além das do sistema e integre os diferentes níveis da língua para que resulte de mais ajuda para todos, tanto para quem se dedique ao ensino quanto para aqueles que se dedicam a aprendizagem de uma língua estrangeira, se faz necessária no processo de ensino / aprendizagem de língua estrangeira.

5. *O ensino de gramática na sala de aula de espanhol língua estrangeira*

Sabe-se que a gramática se trata de um dos elementos imprescindíveis e de grande influencia no processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira. Entretanto, a questão é: O que é "a gramática" na aula de espanhol língua estrangeira? O trabalho com o conteúdo gramatical na aula se vincula o papel que o professor desempenha na sala de aula, em relação com a sua concepção do que é gramática, do que é saber uma língua e da sua prática docente no ensino da língua estrangeira.

Neste espaço de tantas interrogantes se devem levar em consideração os procedimentos de inferir as regras gramaticais que pode ocorrer a partir do uso e da reflexão sobre a língua (indutivo) ou explicá-las primeiro para logo passar a prática dos conteúdos linguísticos (dedutivo). Ambos não são excludentes; os professores não devem descartar a priori nenhum deles, só ter em conta as vantagens e desvantagens que com leva aplicar cada um deles.

A partir da caracterização que realiza Peris (2004), foram destacados os componentes gramaticais que respondam as necessidades atu-

ais do ensino de espanhol língua estrangeira para os estudantes no Brasil:

1. A função da gramática é facilitar a compreensão do sistema da língua de aprendizagem e dos seus mais diferentes usos.
2. Para isto, os critérios que se deve levar em conta na hora de selecionar os conteúdos são:
 - Atualidade: o estado atual da língua e dos seus usos;
 - Descrição: o modo em que efetivamente usam a língua os seus falantes nativos;
 - Frequência: fenômenos mais frequentes nos usos linguísticos;
 - Relevância comunicativa: valores comunicativos mais frequentemente associados às formas linguísticas.
3. É uma gramática que recolhe usos tanto orais quanto escritos, atendendo a sua adequação ao contexto.
4. Trata de fenômenos que pertencem aos diferentes níveis de descrição da língua, estabelecendo as necessárias relações entre eles.
5. Utiliza uma metalinguagem e uma terminologia adequada a possibilidade de compreensão dos seus destinatários.
6. Leva em consideração o conhecimento implícito da gramática da língua materna que tem os destinatários, que no nosso caso são brasileiros falantes de português.

Como assinala Raya (2003), ensinar e trabalhar com este tipo de gramática implica elaborar atividades que requeiram a participação ativa dos aprendizes, estes aprendizes têm que fazer algo com o input; além das atividades devem por de manifesto a operacionalidade da regra ou da forma que é o objeto de atenção, apresentando uma finalidade e uma contextualização claras e trabalhando com amostras da língua meta que sejam verossímeis.

6. O que se entende por saber a gramática de uma língua

No processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, os professores oferecem para os estudantes um conhecimento reflexivo das regularidades, regras ou normas características de uma língua estrangeira

que ensinam, levando os alunos a desenvolverem a competência linguística. Entretanto, isso acarreta o detrimento do desenvolvimento das habilidades discursivas, como a escrita, a leitura e a conversação.

Na história das diversas metodologias de língua estrangeira, a relação entre saber uma língua e saber a gramática da língua sempre foi muito próxima. Até os anos sessenta e setenta, os estudantes aprendiam regras gramaticais e listas de vocabulário e aplicavam estes conhecimentos em traduções diretas e inversas. Nos anos setenta, os métodos áudio orais e audiovisuais encaram o ensino da escrita como similar a da língua oral. Desta maneira, a aprendizagem de uma língua se restringia a utilizar os conteúdos linguísticos e gramaticais ensinados na prática oral prévia. Os exercícios que eram propostos se tornavam repetitivos, posto que se tratavam de exercícios de imitação de estruturas linguísticas aprendidas oralmente na forma escrita.

Não obstante, a gramática transformacional de Chomsky questiona os fundamentos teóricos dos métodos áudio orais. Dentro da sua corrente, os estudantes devem criar a sua própria língua em um ato de comunicação seja oral ou escrito. Desta concepção de ensino/aprendizagem de língua se destaca o enfoque comunicativo que propõe uma grande mudança na forma de afrontar a gramática na aula de língua estrangeira. Para o enfoque comunicativo, a habilidade de compor orações não é suficiente para que aconteça a comunicação. A comunicação escrita só tem lugar quando se utiliza para realizar uma série de conduta social como descrever, narrar, argumentar, entre outras.

A partir de este enfoque, se introduz o princípio da aprendizagem e não da aquisição da língua. Além disso, a competência gramatical não funciona como reforço do que foi aprendido na “fase” oral, senão também o seu ensino parte do princípio de que é uma habilidade que tem as suas próprias estratégias que se diferenciam no registro escrito e no registro oral e que ao mesmo tempo esta competência interage com as demais competências.

No ensino da gramática, desde a perspectiva do enfoque comunicativo, não basta que os estudantes saibam um conjunto de regras e estruturas da língua estrangeira analisadas e organizadas conscientemente em um sistema, necessitam saber como funcionam as normas e as estruturas gramaticais do espanhol, em uma grande variedade de contextos, níveis sociais e inclusive âmbitos profissionais, para verificar os diversos usos e funciones da linguagem.

Assim, a gramática explícita, para um aprendiz, é importante, já que é a encarregada de monitorar e por tanto pode ser uma aliada na hora de se enfrentar a fossilização, a interferência, entre outros problemas que surgem no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, mas sem sombra de dúvidas quando um estudante se enfrenta de forma espontânea a língua estrangeira vai abrir mão do seu conhecimento implícito.

Quando um aluno se comunica na língua estrangeira utiliza ambos os conhecimentos gramaticais – o explícito e o implícito. O aprendiz aciona o conhecimento explícito que possui da língua estrangeira com a função principal de monitorar, controlar que as produções linguísticas sejam corretas e si não é assim corrigir. Quando o aprendiz usa a linguagem de forma natural, o conhecimento explícito joga um papel secundário e é o conhecimento implícito da gramática que rege formalmente os usos da linguagem para a comunicação.

Dentro desta perspectiva, a tarefa do professor de transformar as aulas de espanhol língua estrangeira em um espaço no que não só se ofereça estruturas gramaticais e informações metadiscursivas sobre a língua, mas também que se proporcionem atividades de tipo processual – leitura e compreensão oral – e de tipo produtiva – expressão oral e escrita – que leve a capacitar o aluno para a comunicação, desde o ponto de vista pedagógico se dá a partir do momento que se dá importância ao processo de aquisição da língua. No enfoque comunicativo, a importância de dar para os estudantes expoentes nocionais e funcionais para que os capacitem para a comunicação, desenvolvendo as quatro destrezas cumprem o objetivo de desenvolver as estratégias tanto de compreensão como de expressão na língua estrangeira.

Hoje em dia, depois de ter superado a ideia de que a aprendizagem da gramática não levava a aquisição da língua estrangeira, se assiste a recuperação da gramática e a busca de aplicações que dão lugar a um processo de aprendizagem-aquisição mais completo e eficaz nas salas de aula, ainda que existam carências metodológicas. A partir desta perspectiva o ensino da competência gramatical na destreza escrita retoma o seu papel de monitorar a produção, mas tentando incorporar os diferentes tipos de processos e competências necessários para o ensino e a aprendizagem de línguas.

7. *Considerações finais*

O estudante de uma língua estrangeira aprende as normas e o funcionamento dos elementos da língua no processo de aquisição da competência gramatical que, em geral, fazem parte do código escrito da língua. Por isto, a questão é como proporcionar uma aprendizagem da competência gramatical em língua estrangeira para que os alunos sejam capazes de compreender e manejar a comunicação e as regras de uso da língua de forma consciente e autônoma.

A partir das diferentes contribuições gramaticais (normativa, descritiva, didática) se pode fazer uma reflexão sobre qual é a função da gramática e conseqüentemente do desenvolvimento da competência gramatical no processo de ensino/aprendizagem da língua, no caso o espanhol, na aula de língua estrangeira. Através de um ensino gramatical que extrapole as fronteiras das informações morfossintáticas e metalingüística no nível oracional e da inclusão do desenvolvimento de habilidades de organização discursiva/textual, o conteúdo sistêmico passa a ter relevância e ser significativo para o aprendiz.

Além de proporcionar a aquisição consciente das regras e normas dos elementos que constituem a língua, o que se propõe é que sejam ensinados para os estudantes os aspectos da organização discursiva e textual. Além de que se reconheçam as estruturas concretas da língua dentro das destrezas linguísticas. Muitos dos aspectos gramaticais podem ser ensinados e adquiridos pelos alunos de forma inconsciente, melhor dito, implicitamente através da integração com outras destrezas e da organização textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAULENAS, Neus Sans. ¿Qué materiales favorecen el aprendizaje de la gramática? In: *I Encuentro práctico de profesores de E/LE en Alemania*. Barcelona: International House/Difusión Centro de Investigación y Publicaciones de Idiomas, 2004. Disponível em: <<http://www.encuentro-practicoalemania/talleres-2004.html>>.

BELMONTE, Isabel Alonso. *La enseñanza de la gramática de español como lengua extranjera*: diferentes aportaciones. Madrid: SGEL, 1998.

CESTARO, Selma Alas Martins. *O ensino de língua estrangeira: história e metodologia*. 1998. Disponível em:

<<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>> Acesso em: 13-02-2012.

CONEJO, Cássia Rita. O estruturalismo e o ensino de línguas. In: *CELLI – Colóquio de estudos linguísticos e literários*. 2007. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/016.pdf>. Acesso em: 06-07-2012.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Reflexiones en torno a la gramática en los procesos de enseñanza/aprendizaje de español como lengua extranjera. In: PÉREZ, Pedro Benítez; GUILLEMAS, Raquel Romero (Orgs.). *Actas del I Simposio de Didáctica de Español para Extranjeros: Teoría y Práctica*. Rio de Janeiro: Instituto Cervantes de Rio de Janeiro, 2004.

GARCÍA GARCÍA, Sonsoles. El papel y el lugar de la gramática en la enseñanza de E/LE. In: *Forma*, 2001, p. 9-21.

GONZÁLEZ, Neide. Teoría lingüística y gramática en el aprendizaje y en la enseñanza de E/LE. In: *Actas del XIII Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera*. [Madrid]: MEC, ESPAÑA, Consejería de Educación, 2005, p. 13-19

JUNQUEIRA, Fernanda Gomes Coelho. *Confronto de vozes discursivas no contexto escolar: percepções sobre o ensino de gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

KONDO, Clara Miki. Hacia una gramática para el uso no nativo: replanteamiento y definición de la gramática pedagógica. In: *Cuadernos del Tiempo Libre*. Colección Expolingua (E / LE 5), 2002, p. 147-165.

LOUREIRO, Valéria Jane Siqueira. ¿Qué gramática necesita enseñarse a estudiantes de E/LE en Brasil? In: *Actas del Simposio Internacional de Didáctica "José Carlos Lisboa"*. Rio de Janeiro: Instituto Cervantes de Rio de Janeiro, 2008, v. 1, p. 538-547.

PERIS, Ernesto Martín. La subcompetencia lingüística o gramatical. In: LOBATO, Jesus Sánchez; GARGALLO, Isabel Santos (Orgs.). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2004, p. 467-489.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de letras, 2008.

RAYA, Rosario Alonso. *Cómo cambiar tu vida con la gramática. Algunos consejos para tener éxito con los ejercicios gramaticales*. In: *XII Encontro Prático de Professores de E/LE*. Barcelona: International House/Difusão Centro de Investigación y Publicaciones de Idiomas, 2003. Disponível em: <<http://www.encuentro-practico/talleres-2003.html>>.

SCHNEIDER, Maria Nilse. *Abordagens de ensino e aprendizagem de línguas: comunicativa e intercultural*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/13321/7601>>. Acesso em: 17-07-2012.

SCHÜTZ, Ricardo. *A evolução do aprendizado de línguas ao longo de um século*. English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-apren.html>>. Acesso em: 18-02-2012.

TORREGO, Leonardo Gómez. *Gramática didáctica del español*. Madrid: SM Ediciones, 2005.

_____. Introdução. In: _____. *Gramática didáctica del español*. Madrid: SM Ediciones, 1998.

VILLARINO, Mario Gómez del Estal. *Los contenidos lingüísticos o gramaticales. La reflexión sobre la lengua en el aula de E/LE: criterios pedagógicos, lingüísticos y psicolingüísticos*. In: LOBATO, Jesus Sánchez; GARGALLO, Isabel Santos (Orgs.). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2004, p. 767-787.